

COMO DOMAR UMA LÍNGUA SELVAGEM¹ – GLORIA ANZALDUÁ

Traduzido por:

Joana Plaza Pinto

Karla Cristina dos Santos

Revisão da Tradução: Viviane Veras

“Nós vamos ter que controlar sua língua”, o dentista disse, arrancando todo o metal da minha boca. Os pedacinhos prateados estatelam e tilintam na cuspideira. Minha boca é uma *veta madre*.¹

O dentista está limpando minhas raízes. Eu sinto uma baforada de mau cheiro quando arquejo. “Eu não posso tampar este dente agora, você ainda está drenando”, ele diz.

“Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua”, eu escutei a elevação raivosa na sua voz. Minha língua retém-se, empurrando pra fora os tufos de algodão, repelindo as brocas, as longas agulhas finas. “Eu nunca tinha visto nada tão forte ou tão resistente”, ele diz. E eu penso, como você doma uma língua selvagem, adestra-a para ficar quieta, como você a refreia e põe sela? Como você faz ela se submeter?

“Quem disse que privar um povo
de sua língua é menos violento do que guerrear?”

– Ray Gwyn Smith¹

Eu me lembro de ser pega falando espanhol no recreio – o que era motivo para três bolos no meio da mão com uma régua afiada. Eu me lembro de ser mandada para o canto da sala de aula por “responder” à professora de inglês quando tudo o que eu estava tentando fazer era ensinar a ela como pronunciar meu nome. “Se você quer ser americana, *speak ‘American’*. Se você não gosta disto, volte para o México, que é o seu lugar.”

“I want you to speak English. Pra encontrar bom trabalho tem que saber *hablar el inglés bien*. O que vale toda a sua educação se você fala *inglés* com um

¹ SMITH, Gwyn Ray. *Moorland is cold country*, livro não publicado.

‘*accent*’, diria minha mãe, mortificada porque eu falava inglês como uma mexicana. Na *Pan American University*, eu e todos os estudantes chicanos fomos obrigados a pegar duas disciplinas de prática oral de língua. O propósito delas: livrar-nos de nossos sotaques.

Ataques à forma de expressão de alguém com o intento de censurar são violações à Primeira Emenda. *El Anglo con cara de inocente nos arrancó la lengua*. Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas.

Superando a tradição do silêncio

*Asfixiadas, cuspimos a escuridão.
Lutando contra nossa própria sombra
o silêncio nos sepulta.*

Em boca cerrada no entran moscas. “Em boca fechada não entra mosca” é um ditado que eu ouvia sempre quando era criança. *Ser faladeira* era ser uma fofoqueira e uma mentirosa, falar demais. *Muchachitas bien criadas*, garotas bem comportadas não respondem. É uma falta de respeito responder à mãe ou ao pai. Eu me lembro de um dos pecados que eu tive que contar ao padre no confessionário numa das poucas vezes em que eu fui me confessar: responder à minha mãe, *hablar pa’ atrás, repelar*. Bocuda, respondona, fofoqueira, boca-grande, questionadora, leva-e-traz são todos signos para quem é *malcriada*. Na minha cultura, todas essas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres – eu nunca as ouvi aplicadas a homens.

A primeira vez que ouvi duas mulheres, uma porto-riquenha e uma cubana, dizerem a palavra “*nosotras*”, fiquei chocada. Eu nem sabia que essa palavra existia. Chicanas usam “*nosotros*” sejamos machos ou fêmeas. Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino.

E nossas línguas ficaram
secas o deserto
secou nossas línguas e
nós esquecemos como falar.

–Irena Klepfisz²

Mesmo nossa própria gente, outros falantes do espanhol *nos quieren poner candados en la boca*. Eles nos conteriam com seu montão de regras de academia.

Oyé como ladra: el lenguaje de la frontera

Quien tiene boca se equivoca

– Ditado mexicano

“*Pocho*”, traidor cultural, ao falar inglês você está falando a língua do opressor, você está arruinando a língua espanhola,” eu tenho sido acusada por vários latinos e latinas. O espanhol chicano é considerado deficiente pelos puristas e, pela maioria dos latinos, uma mutilação do espanhol.

Mas o espanhol chicano é uma língua fronteira que se desenvolveu naturalmente. Mudança, *evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción* tem criado variantes do espanhol chicano, uma nova linguagem. *Un lenguaje que corresponde a un modo de vivir*. O espanhol chicano não é incorreto, é uma língua viva.

Para um povo que não é espanhol nem vive em um país no qual o espanhol é a primeira língua; para um povo que vive num país no qual o inglês é a língua predominante, mas que não é *anglo*; para um povo que não pode se identificar inteiramente nem com o espanhol padrão (formal, castelhano) nem com o inglês padrão, que recurso lhe resta senão criar sua própria língua? Uma língua com a qual eles possam conectar sua identidade, capaz de comunicar as realidades e valores verdadeiros para eles mesmos – uma língua com termos que não são nem *español ni inglés*, mas ambos. Nós falamos um patoá, uma língua bifurcada, uma variação de duas línguas.

O espanhol chicano surgiu da necessidade de os chicanos se identificarem como um povo distinto. Nós precisávamos de uma língua com a qual

² KLEPFISZ, Irena. Di rayze aheym/The Journey Home, In: KAYE/KANTROWITZ, Melanie; KLEPFISZ, Irena (Ed.). *The Tribe of Dina: a Jewish women's anthology*. Montpelier, VT.: Sinister Wisdom 29/30, 1986. p. 49.

pudéssemos nos comunicar uns com os outros, uma língua secreta. Para alguns de nós, a língua é uma terra natal mais próxima do que o sudoeste – pois muitos chicanos vivem hoje no meio-oeste e no leste. E porque somos um povo complexo, heterogêneo, nós falamos muitas línguas. Algumas das línguas que falamos são:

1. Inglês padrão
2. Inglês de trabalhadores com gírias
3. Espanhol padrão
4. Espanhol mexicano padrão
5. Dialeto espanhol norte-mexicano
6. Espanhol chicano (Texas, Novo México, Arizona e Califórnia têm variações regionais)
7. *Tex-Mex*ⁱⁱⁱ
8. *Pachuco* (chamado *caló*)

Minhas línguas “caseiras” são as línguas que eu falo com minha irmã e meus irmãos, com meus amigos e amigas. Elas são as cinco últimas listadas, com 6 e 7 sendo as mais próximas do meu coração. Da escola, da mídia ou das situações de emprego, eu peguei o inglês padrão e de trabalhadores com gírias. Da Mamagrande Locha e de ler as literaturas espanhola e mexicana, eu peguei o espanhol padrão e o espanhol mexicano padrão. Com os recém-chegados, imigrantes mexicanos e *braceros*^{iv}, eu aprendi o dialeto espanhol norte-mexicano. Com mexicanos, eu tento falar tanto o espanhol mexicano padrão quanto o dialeto norte-mexicano. Dos meus pais e dos chicanos que moram no Valley, eu peguei o espanhol chicano texano, que eu falo com minha mãe, meu irmão mais novo (que casou com uma pessoa mexicana e que raramente mistura espanhol com inglês), tias e parentes mais velhos.

Com chicanas do Novo México ou Arizona, eu teimo em falar um pouco de espanhol chicano, mas frequentemente elas não entendem o que eu estou falando. Com a maior parte das chicanas da Califórnia, eu falo inteiramente em inglês (a não ser que eu esqueça). Quando me mudei pela primeira vez para São Francisco, eu disparava a falar alguma coisa em espanhol, deixando-as embaraçadas sem querer. Com frequência, é apenas com outra chicana *tejana* que eu posso falar livremente.

Palavras distorcidas do inglês são conhecidas como anglicismos ou *po-chismos*. O *pocho* é um mexicano anglicizado ou um americano de origem mexicana que fala espanhol com um sotaque característico dos norte-americanos e que distorce e reconstrói a língua de acordo com a influência do inglês³. *Tex-Mex*, ou Spanglish, é mais natural para mim. Eu posso mudar do inglês para o espanhol na mesma sentença ou na mesma palavra. Com minha irmã e meu irmão Nune e com contemporâneos chicanos *tejanos* eu falo *Tex-Mex*.

Das crianças e das pessoas da minha idade, eu peguei o *pachuco*. *Pachuco* (a língua dos *zoot suiters*^v) é uma língua de rebelião, ao mesmo tempo contra o espanhol padrão e contra o inglês padrão. É uma língua secreta. Adultos da cultura e estranhos não podem entendê-la. É uma mistura de gírias tanto do inglês quanto do espanhol. *Ruca* significa garota ou mulher, *vato* significa rapaz ou cara, *chale* significa não, *simón* significa sim, *churo* é certeza, falar é *periquiar*, *pigionear* significa sarrar^{vi}, *que gacho* significa que *nerdy!*, *ponte águila* significa cuidado!, morte é chamada *la pelona*. Por falta de prática e por não ter outros com quem falar, eu perdi a maior parte da minha língua *pachuco*.

Espanhol chicano

Depois de 250 anos de colonização espanhola e inglesa, chicanos desenvolveram diferenças significativas no espanhol que a gente fala. Nós derrubamos duas vogais adjacentes numa única sílaba e às vezes mudamos a tônica em certas palavras como *maíz/maiz*, *cohetel/cuete*. Omitimos certas consoantes quando elas aparecem entre vogais: *ladol/lao*, *mojadol/mojao*. Chicanos do sul do Texas pronunciam *f* como *j* como em *jue* (*fue*). Chicanos usam “arcaísmos”, palavras que não existem mais na língua espanhola, palavras que foram mudadas. A gente diz *semos*, *truje*, *haiga*, *ansina*, e *naiden*. Nós conservamos o *j* “arcaico”, como em *jalar*, que deriva de um *h* mais antigo (o francês *halar* ou o germânico *halon* que desapareceu no espanhol padrão no século XVI), mas que ainda é encontrado em vários dialetos regionais, tal como aquele falado no sul do Texas. (Devido à geografia, chicanos do Valley do sul do Texas foram afastados linguisticamente de outros falantes de espanhol. Tendemos a usar palavras que os espanhóis trouxeram da Espanha medieval. A maioria dos

³ ORTEGA, R. C. *Dialectología del barrio*. Trad. Hortencia S. Alwan. Los Angeles, CA: R. C. Ortega Publisher & Bookseller, 1977. p. 132.

colonizadores espanhóis no México e no sudoeste veio de Extremadura – Hernán Cortés foi um deles – e Andaluzia. Os andaluzes pronunciam *ll* como um *y*, e o *d* deles tende a ser absorvido por vogais adjacentes: *tirado* torna-se *tirao*. Eles trouxeram *el lenguaje popular*, os dialetos e os regionalismos.⁴

Chicanos e outros falantes de espanhol também trocam *ll* por *y* e *z* por *s*.⁵ Nós omitimos sílabas iniciais, dizendo *tar* para *estar*, *toy* para *estoy*, *hora* para *ahora* (os cubanos e porto-riquenhos também omitem letras iniciais de algumas palavras). Também omitimos as sílabas finais, tal como *pa* em *para*. O *y* intervocálico, o *ll* como em *tortilla*, *ella*, *botella*, é substituído por *tortia* ou *tortiya*, *ea*, *botea*. Nós acrescentamos uma sílaba adicional no começo de certas palavras: *atocar* para *tocar*, *agastar* para *gastar*. Algumas vezes, vamos dizer *lavaste las vacijas*, outras vezes *lavates* (substituindo a terminação verbal *ates* por *aste*).

Nós usamos anglicismos, palavras emprestadas do inglês: *bola* de *ball*, *carpeta* de *carpet*, *máquina de lavar* (em vez de *lavadora*) de *washing machine*. A gíria do Tex-Mex, criada pelo acréscimo de um som do espanhol no início ou no fim de uma palavra em inglês, como *cookiari* para *cook*, *watchar* para *watch*, *parkiar* para *park*, e *rapiari* para *rape*, é o resultado das pressões sobre os falantes de espanhol para se adaptarem ao inglês.

Não usamos a palavra *vosotros/as* ou as formas verbais que a acompanham. Não dizemos *claro* (para significar *yes*), *imagine*, ou *me emociona*, a não ser quando pegamos o espanhol das latinas, de um livro, ou numa sala de aula. Outros grupos de falantes de espanhol estão passando por um desenvolvimento igual ou similar em seu espanhol.

Terrorismo linguístico

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. Somos seu pesadelo linguístico, sua aberração linguística, sua *mestizaje* linguística, o sujeito da sua burla. Porque falamos com línguas de fogo nós somos culturalmente crucificados. Racialmente, culturalmente e linguisticamente *somos huérfanos* – nós falamos uma língua órfã.

⁴ HERNANDÉZ-CHAVÉS, Eduardo; COHEN, Andrew D.; BELTRAMO, Anthony F. *El lenguaje de los Chicanos: regional and social characteristics of language used by Mexican Americans*. Arlington, VA: Center for Applied Linguistics, 1975. p. 39.

⁵ HERNANDÉZ-CHAVÉS, p. xvii.

Chicanas que cresceram falando o espanhol chicano internalizaram a crença de que nós falamos um espanhol pobre. Ilegítimo, uma língua bastarda. Nós usamos nossas diferenças linguísticas umas contra as outras porque internalizamos o modo como nossa língua tem sido usada contra nós pela cultura dominante.

Feministas chicanas frequentemente esquivam-se umas das outras com suspeita e hesitação. Durante muito tempo eu não pude entender isso. Então me dei conta. Estar próxima de uma outra chicana é como olhar no espelho. Nós temos medo do que vamos ver lá. *Pena*. Vergonha. Baixa auto-estima. Na infância, nos disseram que nossa língua está errada. Ataques repetidos à nossa língua nativa diminuem nosso sentido de self. Os ataques continuam ao longo das nossas vidas.

Chicanas sentem-se desconfortáveis falando espanhol com latinas, temendo sua censura. A língua das latinas não é proscrita nos países delas. Elas estiveram imersas durante toda uma vida na sua língua nativa; gerações, séculos nos quais o espanhol era a primeira língua, ensinada na escola, escutada no rádio e na TV, e lida nos jornais.

Se uma pessoa, chicana ou latina, tem baixa estima por minha língua nativa, ela também tem uma baixa estima por mim. Frequentemente com mexicanas e latinas nós vamos falar inglês como uma língua neutra. Mesmo entre chicanas, tendemos a falar inglês em festas e conferências. No entanto, ao mesmo tempo, temos medo de que a outra vá pensar que nós estamos *agringadas* porque não falamos o espanhol chicano. Oprimimos umas às outras testando o chicano umas das outras, disputando quem é a “verdadeira” chicana, quem fala como chicano. Não há uma língua chicana assim como não há uma experiência chicana. Uma chicana monolíngue cuja primeira língua é o inglês ou o espanhol é tão chicana quanto aquela que fala diversas variantes do espanhol. Uma chicana do Michigan ou Chicago ou Detroit é tão chicana quanto uma chicana do sudoeste. O espanhol chicano é tão diverso linguisticamente quanto regionalmente.

Próximo do fim do século, falantes do espanhol vão abranger o maior grupo minoritário nos EUA, um país onde estudantes no ensino médio e faculdades são encorajados a assistis aulas de francês porque o francês é considerado mais “culto”. Mas para uma língua se manter viva precisa ser usada⁶. Perto do fim deste século, o inglês, e não o espanhol, será a língua materna da maioria dos chicanos e latinos.

⁶ KLEPFISZ, Irena. Secular Jewish Identity: Yidishkayt in America. In: KAYE/KANTROWITZ, Melanie; KLEPFISZ, Irena (Ed.). *The Tribe of Dina: a Jewish women's anthology*. Montpelier, VT.: Sinister Wisdom 29/30, 1986. p. 43.

Assim, se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua. A identidade étnica e a identidade linguística são unha e carne – eu sou minha língua. Eu não posso ter orgulho de mim mesma até que possa ter orgulho da minha língua. Até que eu possa aceitar como legítimas o espanhol chicano texano, o *Tex-Mex* e todas as outras línguas que falo, eu não posso aceitar a minha própria legitimidade. Até que eu esteja livre para escrever de maneira bilíngue e permutar idiomas sem ter sempre que traduzir, enquanto eu ainda tiver que falar inglês ou espanhol quando preferiria falar *Spanglish*, e enquanto eu tiver que me acomodar aos falantes de inglês ao invés de eles se acomodarem a mim, minha língua será ilegítima.

Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio.

Meus dedos

Se movem furtivos contra sua palma

Como mulheres em toda parte, eu falo em código...

– Melanie Kaye/Kantrowitz⁷

“Vistas”, corridos, y comida: minha língua nativa

Nos anos 1960, eu li meu primeiro romance chicano. Era *City of Night* de John Rechy, um gay texano, filho de pai escocês e mãe mexicana. Por dias eu fiquei chocada que um chicano pudesse ter escrito e sido publicado. Quando eu li *I Am Joaquín*⁸, eu fiquei surpresa por ver impresso um livro bilíngue de um chicano. Quando vi poesia escrita em *Tex-Mex* pela primeira vez, um sentimento de pura alegria revelou-se em mim. Eu senti como se a gente realmente existisse como um povo. Em 1971, quando comecei a ensinar inglês para estudantes chicanos no ensino médio, eu tentava complementar os textos exigidos com trabalhos de chicanos, mas fui repreendida e proibida de fazer isso pelo diretor. Ele alegava que se esperava que eu ensinasse literatura inglesa

⁷ KAYE/ KANTROWITZ, Melanie. Sign. In: *We speak in code: poems and others writings*. Pittsburgh, PA: Motherroot Publications, Inc., 1980. p. 85.

⁸ GONZALES, Rodolfo. *I am Joaquín / Yo soy Joaquín*. New York, NY: Bantam Books, 1972. Foi publicado pela primeira vez em 1967.

e “americana”. Com o risco de ser demitida, fiz meus alunos jurarem segredo e entrei de mansinho em contos chicanos, poemas, uma peça. Na universidade, enquanto trabalhava no meu doutorado, tive que “discutir” com um orientador depois do outro, semestre após semestre, antes que me fosse permitido tornar a literatura chicana uma área de foco.

Mesmo antes de ler livros de chicanos ou mexicanos, foram os filmes mexicanos que eu via no *drive-in* – na noite de terça especial a um dólar por carro – que me deram um sentido de pertencimento. “*Vámonos a las vistas*”, minha mãe chamava e todas(os) nós – avó, irmãos, irmãs e primos – nos espremiávamos dentro do carro. Nós devorávamos sanduíches de pão branco com queijo e mortadela, enquanto assistíamos Pedro Infante em romances melodramáticos como *Nosotros los pobres*, o primeiro filme “realmente” mexicano (que não era uma imitação de filmes europeus). Eu me lembro de ver *Cuando los hijos se van* e supor que todos os filmes mexicanos enfatizavam o amor que uma mãe tem por seus filhos e o que os filhos e filhas ingratos sofrem quando não são dedicados às suas mães. Eu me lembro dos “faroestes” musicais de Jorge Negrete e Miguel Aceves Mejía. Quando assistia a filmes mexicanos, eu tinha uma sensação de regresso ao lar, assim como de alienação. Pessoas que valiam alguma coisa não iam a filmes mexicanos, ou *bailes*, nem sintonizavam seus rádios em músicas de *bolero*, *rancherita* e *corrido*.

Todo o tempo em que eu estava crescendo, havia música *norteña*, chamada algumas vezes de música da fronteira do norte do México, ou música *Tex-Mex*, ou música chicana, ou música de *cantina* (bar). Eu cresci ouvindo *conjuntos*, bandas de três ou quatro instrumentos, formadas por músicos populares tocando guitarra, *bajo sexto*, bateria e acordeão, que os chicanos tomaram emprestado dos imigrantes alemães que tinham vindo para o centro do Texas e para o México plantar e construir cervejarias. No Rio Grande Valley, Steve Jordan e Little Joe Hernández eram populares, e Flaco Jiménez era o rei do acordeão. Os ritmos da música *Tex-Mex* eram os da polca, também adaptados dos alemães, que, por sua vez, o tomaram emprestado dos tchecos e boêmios.

Eu me lembro das tardes quentes e úmidas quando *corridos* – canções de amor e morte sobre as fronteiras texanas-mexicanas – reverberavam dos amplificadores baratos das cantinas locais e entravam fluando pela janela do meu quarto.

Os *corridos* se tornaram pela primeira vez amplamente usados ao longo da fronteira do sul do Texas/México durante o mais antigo conflito entre chicanos e

anglos. Os *corridos* são normalmente sobre heróis mexicanos que realizaram ações de valentia contra os opressores *anglos*. A canção de Pancho Villa, “*La cucaracha*”, é a mais famosa. Os *corridos* de John F. Kennedy e sua morte são ainda muito populares no Valley. Os chicanos mais velhos lembram-se de Lydia Mendonza, uma das maiores cantoras de *corrido* da fronteira, que foi chamada de *la Gloria de Tejas*. Sua canção “*El tango negro*”, cantada durante a Grande Depressão, fez dela uma cantora do povo. Os *corridos* mais comuns narravam os cem anos de história da fronteira, tanto trazendo notícias de eventos como entretendo. Esses músicos populares e canções populares são nossos principais criadores de mitos culturais, e eles fizeram nossas vidas difíceis parecerem suportáveis.

Eu cresci com um sentimento ambivalente em relação à nossa música. O *country* do oeste e o *rock-and-roll* tinham mais status. Nos anos 50 e 60, para os chicanos minimamente escolarizados e *agringados*, havia uma sensação de vergonha de ser pego ouvindo nossa música. Contudo, eu não podia impedir meu pé de bater ao som da música, não podia parar de cantarolar as palavras, nem esconder de mim mesma a euforia sentida quando eu a ouvia.

Existem maneiras mais sutis de internalizarmos identificação, especialmente nas formas de imagens e emoções. Para mim, a comida e certos cheiros estão ligados à minha identidade, à minha terra natal. Fumaça de lenha subindo em espiral num imenso céu azul; fumaça de lenha perfumando as roupas da minha mãe, a pele dela. O fedor do estrume de vaca e as manchas amarelas no chão; o estampido de uma espingarda 22 e o cheiro forte de cordite. Queijo branco caseiro crepitando numa panela, derretendo dentro de uma tortilha fechada. O *menudo*^{vii} quente e picante da minha irmã Hilda, o *chile colorado* tornando-o mais intensamente vermelho, pedaços de *panza* e canjica flutuando por cima. Meu irmão Carito assando *fajitas*^{viii} no quintal. Mesmo agora e a 3.000 milhas de lá, eu posso ver minha mãe temperando o bife, a carne de porco e a carne de veado com *chile*. Minha boca saliva com a lembrança dos *tamales*^{ix} quentes e fumegantes que eu estaria comendo se estivesse em casa.

Si le preguntas a mi mamá, “¿Qué eres?”

“Identidade é o centro essencial de quem
somos como indivíduos, a experiência
consciente do self interno.”

– Kaufman⁹

Nosotros los chicanos temos um pé em cada lado das fronteiras. De um lado, somos constantemente expostos ao espanhol dos mexicanos; do outro lado, escutam os reclamos incessantes dos anglos para que esqueçamos nossa língua. Entre nós, não dizemos *nosotros los americanos*, ou *nosotros los españoles*, ou *nosotros los hispanicos*. Dizemos *nosotros los mexicanos* (por *mexicanos* não queremos dizer “cidadãos do México”; não estamos falando de uma identidade nacional, mas sim racial). Nós distinguimos entre *mexicanos del otro lado* e *mexicanos de este lado*. No fundo dos nossos corações, a gente acredita que ser mexicano não tem nada a ver com o país em que a gente vive. Ser mexicano é um estado da alma – não da mente, nem da cidadania. Nem águia nem serpente, mas as duas. E como o oceano, nenhum animal respeita fronteiras.

Dime con quien andas y te diré quien eres.

(Diz-me com quem andas e te direi quem és)

– Ditado mexicano

Si le preguntas a mi mamá, “¿Qué eres?” te dirá, “Soy mexicana”. Meus irmãos e minha irmã dizem o mesmo. Eu algumas vezes responderei “*soy mexicana*” e outras vezes direi “*soy chicana*” ou “*soy tejana*”. Mas eu me identifiquei como “*raza*” antes de ter me identificado como “*mexicana*” ou “*chicana*”.

Como uma cultura, nos chamamos espanhóis, quando nos referimos a nós mesmos como um grupo linguístico e quando nos intimidamos. É então que esquecemos nossos genes indígenas predominantes. Nós somos 70% ou 80% indígenas¹⁰. Nós nos chamamos hispânicos¹¹ ou hispano-americanos ou latino-americanos ou latinos quando nos ligamos a outros povos falantes do espanhol do hemisfério ocidental e quando nos intimidamos. Nos chamamos mexicano-americanos¹² para dizer que não somos nem mexicanos nem americanos, mas mais o

⁹ KAUFMAN, Gershen. *Shame: the power of caring*. Cambridge, MA: Schenkman Books, Inc. 1980. p. 68.

¹⁰ CHAVÉZ, p. 88-90.

¹¹ “Hispânico” é derivado de *Hispanis (España*, um nome dado à Península Ibérica em tempos antigos quando era parte do império romano) e é um termo utilizado pelo governo dos E.U.A. para facilitar lidar conosco nos documentos.

¹² O tratado de Guadalupe Hidalgo criou o mexicano-americano em 1848.

nome “americano” do que o adjetivo “mexicano” (e quando nos intimidamos).

Chicanos e outros povos de cor sofrem economicamente por não se aculturarem. Essa alienação voluntária (ainda que forçada) resulta em conflito psicológico, um tipo de identidade dual – não nos identificamos com os valores culturais anglo-americanos e não nos identificamos totalmente com os valores culturais mexicanos. Somos a sinergia de duas culturas com várias gradações de mexicanidade e de anglicidade. Eu internalizei tão bem o conflito da fronteira que às vezes sinto como se anulássemos o outro e fôssemos um zero, nada, ninguém. *A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy.*

Quando não nos intimidamos, quando sabemos que somos mais que nada, nós nos chamamos mexicanos, referindo-nos à raça e à ancestralidade; *mestizo* quando afirmamos tanto o nosso lado indígena quanto o espanhol (mas quase nunca reconhecemos nossa ancestralidade negra); chicano quando nos referimos à pessoa politicamente consciente nascida e/ou criada nos EUA; *raza* quando nos referimos a chicanos; *tejanos* quando somos chicanos do Texas.

Nós chicanos não sabíamos que éramos um povo até 1965, quando Cesar Chavez e os trabalhadores rurais se uniram e *I am Joaquín* foi publicado e o partido *La raza unida* foi formado no Texas. Com esse reconhecimento, nós nos tornamos um povo distinto. Alguma coisa impactante aconteceu para a alma chicana – nos tornamos conscientes da nossa realidade e adquirimos um nome e uma língua (espanhol chicano) que refletiam essa realidade. Agora que temos um nome, algumas das peças fragmentadas começaram a se encaixar – quem éramos, o que éramos, como nos desenvolvemos. Começamos a ter vislumbres do que poderíamos eventualmente nos tornar.

No entanto, a luta das identidades continua, a luta das fronteiras ainda é nossa realidade. Um dia a luta interior vai cessar e uma verdadeira integração vai ter lugar. No meio disso, *tenemos que hacerla lucha. ¿Quién está protegiendo los ranchos de mi gente? ¿Quién está tratando de cerrar la fisura entre la india y el blanco en nuestra sangre? El Chicano, sí, el Chicano que anda como um ladrón en su propia casa.*

Como nós chicanos parecemos pacientes, muito pacientes! Há a quietude do indígena em nós¹³. Sabemos como sobreviver. Enquanto outras ra-

¹³ Anglos, no sentido de aliviar sua culpa por terem saqueado os chicanos, acentuam a parte espanhola em nós e perpetram o mito do espanhol do sudoeste. Temos aceitado o mito de que somos hispânicos, isto é, espanhóis, no sentido de acomodarmo-nos à cultura dominante e a seu horror aos indígenas. Cf. CHAVÉZ, p. 88-91.

ças abriram mão da sua língua, nós mantivemos a nossa. Sabemos o que é viver sob o golpe de martelo da cultura *norteamericana* dominante. Mas, mais que isso, nós contamos os golpes, contamos os dias as semanas os anos os séculos os éons até que as leis, o comércio e os costumes brancos vão apodrecer nos desertos que eles criaram, jazer desbotados. *Humildes* ainda que orgulhosos, *quietos* ainda que selvagens, *nosotros los mexicanos-Chicanos* vamos caminhar pelas cinzas desfeitas como quem vai cuidar da própria vida. Obstinados, perseverantes, impenetráveis como uma rocha, ainda que possuindo a maleabilidade que nos torna inquebráveis, nós, *mestizas* e *mestizos*, permaneceremos.

Notas explicativas da tradução

ⁱ No texto-fonte, “*motherlode*”, traduzível como “veio abundante principal” de metal valioso (ouro ou prata). No entanto, a fonte não segura dessa expressão em inglês é uma tradução literal do espanhol *veta madre*, um termo comum nas antigas minas mexicanas. *Veta madre*, por exemplo, é o nome dado a onze quilômetros de um longo veio de prata descoberto em 1548 em Guanajuato, México. Decidimos retomar esse percurso do espanhol para o inglês, para reafirmar a pluralidade linguística do texto de Anzaldúa; neste caso, pluralidade também diacrônica. [N. T.]

ⁱⁱ *Pocho*: forma pejorativa para se referir a pessoas latino-americanas nascidas e/ou criadas nos E.U.A; literalmente, *fruta podre*. [N. T.]

ⁱⁱⁱ *Tex-mex*: expressão adjetiva para tratar de cultura, comida e variante linguística originadas no Texas, fronteira com o México. [N. T.]

^{iv} *Braceros*: trabalhadores braçais. [N. T.]

^v Um *zoot suit* (ocasionalmente *zuit suit*) é terno com cintura alta, calças largas e com pregas, punhos apertados, e um casaco com lapelas largas e largos ombros com enchimentos. Esse estilo de vestir foi popularizado por afro-americanos, mexicano-americanos, portoriquenhos, ítalo-americanos e filipino-americanos durante os anos 1930 e 1940. [N. T.]

^{vi} Mandar ver, passar a mão, agarrar, bolinar, ficar de amasso, dar amassos. [N. T.]

^{vii} Sopa feita com tripa, canjica e pimenta, cozida em fogo brando com cebola e outros temperos. Costuma ser servida quente em grandes tigelas e, na culinária Tex-Mex, geralmente é utilizada para aliviar os sintomas da ressaca. [N. T.]

viii Tortilhas de farinha, recheadas com carne, pimentão, cebola, queijo e guacamole. [N. T.]

ix Massa de canjica triturada cozida no vapor, envolta em palha de milho ou folha de bananeira. Pode ser recheada com carnes, queijo e pimenta picada. [N. T.]

Recebido em 25/05/2009

Aprovado em 24/08/2009